

As Contribuições do CETO na Experiência de uma Terapeuta Ocupacional

MARIA LUISA GAZABIM SIMÕES BALLARIN

Este trabalho tem por objetivo discorrer sobre a trajetória de uma terapeuta ocupacional, da graduação até suas experiências profissionais mais recentes, enfatizando especialmente as contribuições do CETO em sua formação.

A Graduação

Graduei-me em Terapia Ocupacional, na Universidade Federal de São Carlos, no início da década de oitenta. Naquela ocasião, o curso de Terapia Ocupacional, havia sido recentemente estruturado.

As lembranças sobre o contexto e o clima vivido na graduação, possibilitam-me resgatar alguns elementos, que devem ser ressaltados:

- A existência de uma relação de muita proximidade entre os docentes e os alunos. Especialmente nos dois primeiros anos da graduação. Penso que ambos, professores e alunos, buscavam juntos lidar com questões que emergiam sistematicamente, e que se relacionavam ao curso recém-iniciado.
- A existência de um curso com um número de disciplinas da área biológica e médica extremamente extenso, quando comparado as disciplinas específicas de terapia ocupacional e da área da ciências humanas. Este desenho curricular mostrava-se fortemente influenciado pelo modelo norte-americano de Terapia Ocupacional. Este modelo (prática subordinada ao modelo médico e a reabilitação) não mais correspondia as necessidades dos terapeutas ocupacionais brasileiros. Discutíamos intensamente temas que giravam em torno da Terapia Ocupacional, o perfil profissional, o mercado de trabalho, a identidade profissional, a formação e tantas outras questões. Reafirmávamos a necessidade urgente de mudanças do currículo.
- A existência de uma vida universitária, que agregava

diferentes cursos e problemáticas e que favorecia as trocas, as discussões e as reflexões.

Em meio a esse clima, conclui a graduação. Mesmo diante de inúmeras possibilidades de reflexão e discussão, via-me diante de muitas incertezas e duas certezas. Como a maioria dos adolescentes, super-valorizava as incertezas e subestimava as poucas certezas. Só o tempo fez-me perceber e entender, o quão ricas eram aquelas certezas.

A primeira era que sabia claramente em que área iria atuar, a de psiquiatria, como era denominada.

A segunda, relacionava-se ao fato de que era também muito clara a forma como não gostaria de atuar e desenvolver minha prática. Nesse sentido, não gostaria de ser uma terapeuta ocupacional que subordinava sua atuação ao modelo médico.

Logo após a conclusão da graduação, dois acontecimentos muito significativos enriqueceram meu percurso. Minha inserção no CETO, e minha inserção no mercado de trabalho. Vou começar falando de minha inserção no mercado de trabalho, embora essas duas experiências tenham acontecido simultaneamente.

O mercado de trabalho e a experiência profissional

Trabalhei por aproximadamente seis meses numa clínica, até que fui admitida através de concurso público no Complexo Hospitalar do Juqueri (MDPII). Eu e mais dezenove terapeutas ocupacionais, juntamente com inúmeros outros técnicos (psicólogos, médicos assistentes sociais etc.)

Ao entrar em contato com os pacientes e com a instituição pude constatar, não só teoricamente, da necessidade da construção de uma nova prática. Uma prática que não fosse laboroterápica, mas sim, que pudesse fazer-nos lançar (tanto eu como os pacientes) o olhar para além

do muro. Uma prática que em princípio, buscava valorizar a relação e o que é particular à cada sujeito.

O contexto e o clima dessas experiências também foram muito ricos. Estávamos diante de uma série de acontecimentos históricos, bastante importantes. A sociedade civil organizava-se politicamente numa abertura à democracia.

Na Área da Saúde, os movimentos civis objetivavam uma política de saúde pública. Especialmente no Estado de São Paulo, o governo de Franco Montoro implantava a AIS, depois o SUDS projetos que numa análise superficial preconizaram o SUS.

Na Área da Saúde Mental, medidas que visavam a substituição do modelo assistencial hospitalocêntrico, começavam a ser implementadas, através da Coordenadoria de Saúde Mental, chefiada por Marcos Toledo Pacheco Ferraz. Passamos a atuar também em ambulatórios e unidades básicas.

Enfim, parecia que avançávamos, podendo estabelecer diretrizes (a cartilha) para atuarmos nos ambulatórios e com abertura para debates sobre o nosso trabalho específico e do em equipe multiprofissional.

O Centro de Estudos de Terapia Ocupacional (CETO)

Como ressalté anteriormente, minha inserção no CETO, aconteceu simultaneamente a no mercado de trabalho. Este fato, no meu entender, foi realmente importante, pois muitos dos questionamentos e inquietações, que emergiam na prática, podiam ser discutidos num espaço mais estruturado, como o CETO.

Penso que o CETO, naquela época era uma das poucas possibilidades que existiam no Estado de São Paulo, senão a única em termos de especialização e no sentido de estudo continuado para terapeutas ocupacionais clínicos, especialmente na área da saúde mental.

Da experiência enquanto aluna do curso de especialização do CETO destaco quatro aspectos relevantes. São eles:

- o fato de ter podido entrar em contato, de modo mais aprofundado, com um referencial teórico psicodinâmico, que na universidade tínhamos visto de modo muito superficial e fragmentado. A significativa importância desse estudo esta no fato de estabelecer uma linha teórica para subsidiar a minha atuação profissional, especialmente na clínica. Penso que um profissional, independente da área em que atue, deva buscar os elementos e os fundamentos teóricos que possam lhe dar sustentação. E nisto os pontos que destaco na minha experiência:

- o fato de ter podido resgatar a história da Terapia Ocupacional, através do estudo de diferentes autores terapeutas ocupacionais (dos clássicos como Spackman aos mais contemporâneos). Isto, sem dúvida, possibilitou um conhecimento mais integrado da própria Terapia Ocupacional, permitindo-me compor as partes (fatos e acontecimentos históricos da profissão) em um todo e conseqüentemente, favorecendo o fortalecimento da identidade profissional;
- ter podido cursar duas disciplinas, laboratório de análise de atividades e supervisão, a partir de um modelo diferente do experimentado na universidade (supervisão analítica – MALBIDE-1991). Essa experiência, deu-me uma dimensão mais ampla do que entendo que deva ser o processo de aprendizagem em terapia ocupacional. Esta, do lugar de professora que ocupo hoje, deve sem dúvida, incluir tanto a formação a teórica como a prática, que denomino de teoria da técnica específica da terapia ocupacional, como a formação pessoal. É um nível de experiência que transforma o processo de aprendizagem, numa experiência de crescimento e evolução do conhecimento.
- como último aspecto, o fato de, como aluna do CETO, ter sido muito estimulada e incentivada a participar e dirigir pesquisas. Lembro-me do esforço que os professores do curso faziam para que publicássemos nossas experiências, participássemos dos eventos científicos e da realização de pesquisas. Atualmente a “Revista do CETO”, traduz essa preocupação e abre um espaço para que possamos também aprender a transitar nesse terreno.

Considerações finais

As lembranças e algumas das experiências descritas ao longo dessa apresentação, deram-me elementos para que pudesse prosseguir em minha trajetória, buscando uma forma de refletir e construir meu papel profissional enquanto:

- Docente: que sabe da importância da relação de proximidade entre professor-aluno e dos modelos de identificação;
- Pesquisadora: que sabe da importância do aprofundamento teórico e do espírito investigativo;
- Clínica: que sabe da importância de sua identidade profissional e de suas possibilidades e limites.

Este relato tem uma construção inacabada e assim deve ser para a continuidade de minha carreira profissional.

“Existe a trajetória, e a trajetória não é apenas um modo de ir. A trajetória somos nós mesmos. Em matéria de viver, nunca se pode chegar antes”. CLARICE LISPECTOR.